

## O conceito de prova segundo a Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos (ATEA)

Ricardo Cortez Lopes<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho busca decompor o conceito de prova – operacionada como um pressuposto epistemológico de caráter ontológico - na organização de uma organização social, a Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos (ATEA). Portanto, não-filósofos. As premissas da argumentação que culmina na formulação do conceito foram recolhidas em diferentes pontos de seu site oficial, e, através de uma análise de conteúdo, puderam emergir de maneira sistemática dos diferentes trechos recolhidos do texto em que é desenvolvida sem ser linearmente definida. O termo prova está inserido no âmbito de uma epistemologia realista sintetizada – combinada com a filosofia da ciência de J. Norton e com a metanarrativa científica do século XIX - à sua maneira, e que conclui que a prova é “racional” e “empírica” e que, por essa junção, passa a ser o único “filtro” para se chegar à realidade-em-si.

**Palavras-chave:** Epistemologia de um grupo social. Prova. Epistemologia realista sintética. Materiais de divulgação. Não Filósofos.

**Abstract:** This work seeks to decompose the concept of proof - used as an epistemological assumption ontological character – from an organization of a social organization, the Brazilian Association of Atheists and Agnostics (ATEA). Therefore, non-philosophers. The premises of the argument that culminates in the formulation of the concept was collected at different points of their official website, and through a content analysis can emerge systematically from different parts of the text where was developed without being linearly defined. The term proof is inserted within a synthesized realistic epistemology - combined with the philosophy of science of J. Norton and the scientific metanarrative of the nineteenth century - in his own way, and concludes that the evidence is "rational" and "empirical" and, for this junction, becomes the only "filter" to one can perceive reality itself.

**Keywords:** Epistemology of a social group. Proof. Synthetic realist epistemology. Disclosure materials. Non-Philosophers.

### Tese defendida

O conceito de prova nutrido pela Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos (ATEA) é ontológico, e não apenas epistemológico, e não é mera reprodução de uma epistemologia realista, de modo que agregou algumas heranças no decorrer de suas argumentações, as quais eu vou fazer alusão no decorrer do texto.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, bolsista CAPES, [rshicardo@hotmail.com](mailto:rshicardo@hotmail.com), 8166-2599.

## A ATEA

A filosofia por muito tempo se focou apenas em filósofos e pensadores em geral, pertencentes em sua maioria aos segmentos culturais de maior capital escolar. Ou seja: era mais ou menos o ideal dual platônico – tão influente na constituição cultural do ocidente<sup>2</sup> – da caverna e da episteme<sup>3</sup>. Mas com o tempo a filosofia se expandiu também para o mundo ordinário, constituindo-se a filosofia da linguagem de Ludwig Wittengstein como uma boa ilustração desse movimento. Agora o senso comum possuía uma “dignidade epistemológica” e poderia ser estudado por filósofos em suas conceituações.

O meu movimento é justamente o de ir mais a fundo na “caverna”, e apreciar um conceito formulado por não filósofos, e - ainda – expressos em um suporte diferente do de um livro ou de um ensaio, uma URL. Esse conceito é o conceito de prova da ATEA, e a fonte da argumentação está no site oficial da instituição. Mas como abordamos não filósofos, o contexto passa a ser interessante para compreender suas concepções, pelo menos nesse caso, adicionalmente à discussão de suas ideias por si.

Segundo o site da própria Instituição, a ATEA “Foi criada em 31 de agosto de 2008 por Daniel Sottomaior, Alfredo Spínola e Mauricio Palazzuoli”<sup>4</sup>. Ela é uma organização de direito privado (que possuiria um CNPJ) que buscaria possibilitar uma maior coesão [expressão minha] entre os ateus em território nacional, visto que estes sofreriam constante preconceito por conta de sua condição descrente em um país tradicionalmente religioso<sup>5</sup>. Desse modo, a organização se justificaria em sua existência por ajudar a mitigar essa rejeição social. Em entrevista à BBC Brasil, o presidente da ATEA afirma “[...] que o objetivo da Atea é criar indignação em relação à discriminação de ateus e "fazer com que o Brasil, 120 anos depois da proclamação da República, se torne (de fato em) um Estado laico".”<sup>6</sup>.

A partir desse objetivo, é possível perceber que o conceito de prova será utilizado como fonte de defesa e de ataque ao mesmo tempo. Mais adiante descobriremos o porquê.

---

<sup>2</sup> ARENDT, H. A condição humana. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

<sup>3</sup> PLATÃO. A república texto integral. 2.ed. São Paulo: Escala, 2007, p. 32

<sup>4</sup> <http://www.atea.org.br/>

<sup>5</sup> LOPES, R. C. Reprodução sob condições controladas: *o ateísmo como movimento social nas representações sociais dos materiais de divulgação Templo Positivista de Porto Alegre*. Trabalho de Conclusão de Curso, Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013. Disponível em: <<<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/90189>>>. Acesso em: 11 de maio de 2014, p. 15

<sup>6</sup> [http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/02/130222\\_ateus\\_mobilizacao\\_cc.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/02/130222_ateus_mobilizacao_cc.shtml). Acesso em: 11 de maio de 2014

## Conceito de prova

O ateísmo, considerando seu próprio nome, designa a descrença em Deus - Esse em relevo em comparação aos vindouros por motivos políticos e culturais - e em deuses. A descrença em algo, todavia, dá lugar à crença em outra coisa, pois o homem por si busca a transcendência – de seus sentidos e do ordinário, do cotidiano - através de sua crença, seja ela uma transcendência religiosa, seja ela uma transcendência laica. Em meu entender, essa crença transcendental a qual a ATEIA está se referindo pauta-se no conceito de prova. Porque é esse mecanismo que pode levar exatamente o homem a conhecer aquilo que não enxerga e que o torna mais do que um mero ser sensiente e ligado ao cotidiano.

Irei tentar demonstrar em minha argumentação que a maneira como a ATEA concebe o conceito de prova serve para refutar as ideias – e usar essa palavra, “ideias” já mostra a imanência desses entes - de Deus e de religião, e será na refutação dessas entidades que se encontrará formulado o conceito de prova, já que aparentemente ele é auto-evidente, necessitando ser explicitado apenas para fins didáticos, que são os momentos de embates contra pensamentos teístas. Unimos os trechos que fazem essa argumentação a partir de um trabalho de análise de conteúdo<sup>7</sup>, que os identificaram dentro de todo o texto exposto no site, que, obviamente, não foi redigido para filósofos. Mas o tratamento que daremos a esses dados será filosófico, e não científico.

Segundo o site, existe um mecanismo da *prova racional* (lógico) e *empírico*, que funcionaria como o único “filtro” para a realidade, a metodologia para se chegar à verdade, que é completamente objetiva, acessada a partir das evidências que, conjugadas com a metodologia científica, podem se tornar provas e dar conta do que existe.

Esse mecanismo de prova se insere dentro de uma epistemologia que prega que a origem do conhecimento é racional e lógica, a sua metafísica é realista e a sua concepção de verdade é transcendente (o que remete em parte ao cientificismo do século XIX). A especificidade da ATEA estaria no fato de que há também um clamor por uma inserção da lógica para além da mera aplicação de sentido, e uma lógica material que lembra muito as ideias de J. Norton<sup>8</sup> de uma indução material.

## Deus não é provável

---

<sup>7</sup> Conf. BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa : Edições 70, 1977.

<sup>8</sup> Conf. NORTON, J. D. A Material Theory of Induction. *Philosophy of Science*, v. 70, n. 4, p. 647-670, 2003.

“Colidir” o mecanismo da prova nesses termos com a “ideia” de Deus já demonstra em parte a epistemologia realista da ATEA, uma vez que diferencia uma externalidade em diferenciação a uma internalidade: “A analogia [afirmar que Deus é como o amor: não dá para perceber, mas existe] é realmente muito boa, mas só prova que, assim como o amor, esse deus só existe dentro da cabeça das pessoas, e não fora”<sup>9</sup>. Ou seja, os autores afirmam que o interior da cabeça remete a uma subjetividade, que é por natureza diferente da objetividade do exterior.

Essa ideia chamada Deus não resistiria a críticas, o que denota a sua falta de sistematicidade. Mas não apenas as críticas da ciência, pois nem mesmo todas as religiões a cultivam. Como, por exemplo, o jainismo: “O jainismo e algumas formas de budismo, por exemplo, não incluem o teísmo entre seus princípios”<sup>10</sup>. Da mesma maneira pensam os Pirahãs:

Uma mentira repetida mil vezes não vira verdade, assim como um erro muito popular não se torna um acerto. Além disso, é falso que todas as civilizações têm religião (a tribo dos Pirahãs, por exemplo, aqui mesmo no Brasil, não tem crença em nenhuma divindade. Curiosamente, um missionário inglês destacado para convertê-los acabou se tornando ateu). E é obviamente falso que "todo mundo" acredita em algum deus -- quanto mais no deus dos cristãos. Afinal, em termos mundiais, para cada cristão existem hoje dois não cristãos. Se muita gente tem a impressão de que não existem ateus é porque muitos descrentes se sentem forçados a ficar "no armário" devido ao preconceito e à discriminação que sofrem. Os cerca de 1,4% de ateus no Brasil correspondem a quase o triplo do número de umbandistas, candomblecistas, judeus e budistas juntos<sup>11</sup>.

Vou decompor o argumento. A mentira dita muitas vezes dita não pode ser considerada verdade. Dizer muitas vezes uma mentira não poderia ser confundida com a a justificação dessa crença – porque uma coisa verdadeira pode ser testada muitas vezes e não vai ser verdade por uma contingência ocasional, mas sim porque há uma correspondência com o exterior que se estabelece o tempo inteiro, e não apenas por coincidência. O consenso também não estabeleceria a verdade, pois este pode remeter-se às consciências, e não às percepções externas. Sim, a concordância é essencial para o conhecimento, mas não quantitativamente, mas apenas se atinge o caráter universal. Caráter universal que é existente, o que vai contra um relativismo pós-moderno.

E a ideia de Deus não corresponderia a essa universalidade. O conceito de Deus ser uma verdade em disputa demonstra que não há consenso em torno dessa percepção:

---

<sup>9</sup> <http://www.atea.org.br/>

<sup>10</sup> <http://www.atea.org.br/>

<sup>11</sup> <http://www.atea.org.br/>

Porque existe mais de um [deus]: Thor, Shiva, Brama, Amon-Rá, Zeus, Olorum, Tupã, são todos deuses. A lista é longa (vide [http://pt.wikipedia.org/wiki/Anexo:Lista\\_de\\_divindades](http://pt.wikipedia.org/wiki/Anexo:Lista_de_divindades) ou <http://www.godchecker.com/>, por exemplo) (...) Se você é monoteísta -- ou seja, se acredita na existência de um único deus --, então já é quase tão ateu quanto nós, pois entende que todos os demais deuses são apenas criações humanas<sup>12</sup>.

Por extensão:

Se não há essa concordância, isso tornaria os religiosos ateus com relação aos outros deuses, o que os tornaria também ateus em alguma medida por não conferirem legitimidade a alguma figura divina. Logo, se há a possibilidade do rechaço da figura de Deus de outras religiões, a ideia não é universalizável, o que a tornaria falha.<sup>13</sup>

É possível se perceber que a universalidade existe, e que é substância (no sentido aristotélico). E é, por isso mesmo, automaticamente persuasiva para qualquer mente que se mostre capaz de ser objetiva. Dessa maneira, a não universalização faz-se entrar em uma contradição, e a contradição significa a não-existência: quem ataca aos ateus ataca a si mesmo. Como é a prova que estabelece essa relação direta do interior com o exterior, é possível dizer que a prova é universal, e lógica, pois não é universal. Essa brecha da ideia de deus torna possível um relativismo dos ateus no trato com os diferentes deuses das diferentes religiões.

Primeiramente observamos o movimento de demonstração da ilogicidade (e, portanto da não universalidade) da ideia de Deus. Agora vamos tentar acompanhar a demonstração da ATEA sobre a impossibilidade ontológica desse Deus.

Esse argumento [não seria possível provar a inexistência de Deus, logo ele existiria] tenta inverter o ônus da prova. Com ele, podemos provar a existência de absolutamente qualquer coisa: "ninguém foi capaz de provar a inexistência do coelhinho da páscoa, então ele existe". Se um argumento "prova" a existência de coisas inexistentes, então ele não prova nada.<sup>14</sup>

O ônus da prova é algo incontornável para se alcançar a objetividade, e deve ser obedecido para se chegar a conclusões válidas sobre coisas existentes. Argumentos que invertem esse pré-requisito conduzem a conclusões aleatórias e não-sistemáticas, que não são reproduzíveis. Ele serve para mostrar existências, e não inexistências, porque o que inexistente não pode ser percebido externamente. A existência é apenas interna, como ideia que é inexistente no mundo objetivo:

Com muita frequência se afirma que a fé dá provas, ou que a própria fé é uma prova. Mas é fácil perceber que ter fé é somente uma atitude, interna e pessoal como todas

---

<sup>12</sup> <http://www.atea.org.br/>

<sup>13</sup> <http://www.atea.org.br/>

<sup>14</sup> <http://www.atea.org.br/>

as atitudes. Ela nada nos diz sobre a realidade externa ao indivíduo. Se eu tiver fé que o Papai Noel existe, isso mostra que ele existe ou que eu me recuso obstinadamente a aceitar sua inexistência<sup>15</sup>?

A não correspondência conduz a uma arbitrariedade para o proferimento de qualquer sentença, que abre o leque de aceitação para qualquer explicação literalmente imaginável.

A afirmação acima constitui a chamada falácia da ignorância: só porque se ignora a existência de respostas alternativas a um problema, isso não significa que possamos adotar a resposta que bem entendemos<sup>16</sup>.

Não respeitou-se o princípio da prova, e as respostas “que bem entendemos” são aquelas que são puramente subjetivas, não correspondendo a nada além de consciência individual, decorrendo unicamente daí a sua autoridade persuasiva. Se esta autoridade passa a ser o único ônus a ser respeitado, as percepções passam a ser mediadas pelo desejo, o que gera uma projeção, e não uma análise. Essa seria a diferença entre desejo e argumento, distintos pela natureza de sua conexão. A ideia de Deus estaria no ambiente volitivo, assim como a da religião (da qual tecerei detalhes mais adiante):

Poucas pessoas notam, mas isso não é sequer um argumento [o de dizer que a religião ajuda a acabar com a angústia existencial]: é apenas a expressão do desejo pessoal de que esse deus exista para dar sentido à sua vida. E não se deve confundir como desejamos que seja o mundo com a maneira como ele realmente é<sup>17</sup>.

O desejo de suplantar a angústia existencial é um desejo volitivo. E submete o que o mundo deveria ser ao que o mundo é: ou seja, é a interposição de uma “cortina subjetiva” à realidade que esconde o “ser” do “dever ser”<sup>18</sup>, e que torna a pessoa inapta para se comunicar com as outras pessoas e com o mundo.

Esse tipo de pensamento volitivo, que é muito tentador de ser seguido – uma característica endêmica da própria projeção - afetou até mesmo grandes intelectuais, que seriam mais preparados para perceber o mundo externo. Um exemplo seria o filósofo Blaise Pascal (1623-1662). Apesar de seu nome não ser citado, é o seu argumento da aposta que é atacado<sup>19</sup> no seguinte trecho:

Esse é mais um “não argumento”, pois nada nos diz a respeito da existência de deuses. É apenas uma proposta calculista de como agir com relação à questão, considerando custos e benefícios. Ainda que fosse verdade que é vantajoso acreditar

---

<sup>15</sup> <http://www.atea.org.br/>

<sup>16</sup> <http://www.atea.org.br/>

<sup>17</sup> <http://www.atea.org.br/>

<sup>18</sup> DURKHEIM, E. Sociologia e filosofia. Rio de Janeiro: Forense, 1970, p. 50

<sup>19</sup> O argumento de Pascoal pode ser sistematizado dessa maneira: acreditar em Deus, caso este exija, trará o benefício da boa vida eterna caso este exista. Caso este não exista, a situação não se alterará, restará apenas o vazio do pós-morte. Mas se Deus existir e não for crido, a pessoa acabará por ir para o Inferno e sofrerá por toda a eternidade. Portanto, é muito mais racional acreditar do que não acreditar em Deus.

em deuses (e não é), os ateus estão em busca imparcial da verdade, e não de mentiras com grandes potenciais de ganho<sup>20</sup>.

Ou seja, ainda continuamos a tentar provar coisas inexistentes, o que vai contra o ônus da prova, que logicamente não se presta a isso. E isso prejudicaria uma busca imparcial da verdade, pois essa cortina esconderia atrás de si a percepção do real. Buscaríamos apenas aquilo que queremos provar, e não aquilo que pode ser provado, o que não seria uma atividade investigativa, mas sim corroborativa, e portanto inválida.

Uma vez que Deus não existe para a ATEA, poderemos passar agora à religião.

### **A religião também não é provável**

A Religião também é uma ideia que é tratada como uma proposição a ser provada de acordo com a epistemologia da ATEA. Assim sendo, para ser real, a religião deve possuir validade lógica e científica para poder ser comprovada. De modo que a religião acaba por ser submetida a critérios, e, após esse estudo, pode ser demonstrada como contraditória, o que a desautorizaria como visão de mundo viável do ponto de vista lógico e material.

Como já fora afirmado anteriormente, a prova é o ponto de partida, e ela serve para negar quando não é respeitada:

Devido à questão do ônus da prova [um preceito da lógica formal], muitos dos argumentos em favor do ateísmo são refutações dos argumentos em favor da existência de deuses. Se todas as refutações são sólidas, então o ateísmo é a única posição consistente<sup>21</sup>.

Efetivamente, a ideia de Deus é refutada porque só pode ser provada a partir da inversão do ônus da prova. Assim, apenas o ateísmo é consistente porque não tenta utilizar esse mecanismo ilusório e projetional. Então, se é possível refutar argumentos em favor da existência de deuses, a religião, que é derivada da crença em Deus ou deuses - as suas práticas não aparecem como importantes no material coletado, ah não ser quando praticadas em locais públicos - torna-se arbitrária, sujeita a brechas da interpretação subjetiva e interior, pois se afastaria de uma objetividade. Como o assunto é aleatório, gerar-se-ia uma variabilidade dentro do grupo social ateu: “Há ateus que veem a religiosidade positivamente, outros a entendem como uma posição inofensiva, e há aqueles que veem a religião como um mal. Infelizmente não há dados confiáveis para saber qual a proporção de cada um”<sup>22</sup>.

---

<sup>20</sup> <http://www.atea.org.br/>

<sup>21</sup> <http://www.atea.org.br/>

<sup>22</sup> <http://www.atea.org.br/>

A religião geraria violência por conta de sua arbitrariedade, que estabeleceria essa volitividade, que não poderia se subjugar a uma universalidade, estabelecendo-se o conflito por conta da diferença de pensamento das pessoas. Daí a necessidade de demonstrar a sua inconsistência também, juntamente com a ideia de Deus.

Essa demonstração da não-universalidade passa por mostrar que ser religioso não é um traço natural (portanto, universal) do ser humano, pois, se natural do homem, a religião corresponderá à prova empírica de validação:

Todo mundo nasce ateu, ou seja, sem crenças em quaisquer deuses, e a maior parte das pessoas adquire essa crença devido à doutrinação em casa e na escola. Portanto, ao contrário do que acontece com a religião, alguns ateus sempre foram ateus, e outros se tornaram ateus<sup>23</sup>.

A religião seria um traço cultural, e o ateísmo é que é universal na natureza, pois os bebês nasceriam sem crença - e a crença é anterior à verdade, portanto ela não pode ter nenhum acesso nem à verdade e nem à mentira. Teria sido obtida através da convivência em sociedade, composta também de pessoas que nem sempre operam pela prova. E essa afirmação poderia ser facilmente amparada em provas geradas pela observação de bebês. A natureza, que seria a única evidência externa possível da religião, que a justificaria, aqui não existe. Assim, é possível à pessoa se reverter para o ateísmo e seguir a natureza sem ser contestada significativamente por pessoas de concepções objetivas.

No que diz respeito à existência de qualquer entidade, a posição "default", ou padrão, é a de descrença: das infinitas entidades que podemos imaginar, cremos apenas na existência da diminuta fração de coisas a respeito das quais temos boas razões para acreditar que existem (do contrário, creríamos na existência de um enorme número de coisas cuja inexistência não podemos provar, como um bule de chá azul na órbita de Marte, e dragões invisíveis e indetectáveis por qualquer meio conhecido)<sup>24</sup>.

A religião, ao tornar qualquer enunciado volitivo, acaba por fechar-se sobre suas conclusões, pois não as submete a mecanismos de prova. De onde viriam essas conclusões? Parece não ser possível ao ateu determinar de onde se origina esse auto-engano – até porque isso seria comprovar o que não existe - mas o certo é que o fato de não ser esse engano submetido à crítica acaba por gerar a violência, que vitima principalmente a muitos ateus e defensores da laicidade estatal. Acredito que aqui se estabeleça para a ATEA a necessidade de denunciar esse preconceito e investir em mecanismos de aceitação social. Daí a razão de haver argumentos para tornar-se (ou defender-se) a causa ateia:

---

<sup>23</sup> <http://www.atea.org.br/>

<sup>24</sup> <http://www.atea.org.br/>



Há vários motivos. Por exemplo, para lutar contra o preconceito e a discriminação. Além de empregos que foram perdidos ou não chegaram a ser ocupados, e diversas outras situações no dia-a-dia que foram e são vividas por muitos ateus e agnósticos, como por exemplo a associação que se faz entre criminalidade e ausência de religião ("só um sujeito sem deus no coração poderia ter estuprado e matado essa menina"), existem dados sólidos para mostrar como as pessoas se comportam com relação ao ateísmo<sup>25</sup>.

Ou seja, os dados são essas provas que mostram que a afirmação colocada pelos autores do site não é só uma consequência lógica de seus postulados ontológicos. E ilustram perfeitamente a concepção dos autores sobre o que é conhecimento: seguimento dos preceitos lógicos e as evidências para corroborá-los. Mas posso mostrar isso com mais agudeza depois desse terreno prévio preparado.

### **Conclusão: o que é a prova então?**

Até este momento, nos focamos no que não segue o critério de prova. Agora estamos mais preparados para pensar o mecanismo da prova-em-si.

O que existe?

A questão da existência não tem nada a ver com a visão: trata-se de provas ou ao menos evidências. E há muitos tipos de evidências além das visuais. Temos todos os sentidos além da visão, e ainda a lógica e uma enorme variedade de aparelhos e técnicas que nos ajudam a coletar evidências e provas sobre o ar, as bactérias, os átomos e todas as coisas cuja existência damos como certa. Só na esfera místico-religiosa existem entidades cuja existência há quem aceite pacificamente sem evidências, ou mesmo apesar de evidências contrárias: deuses, anjos, espíritos, fantasmas, almas, "energias", etc<sup>26</sup>.

A existência objetiva é verificada com provas (ou ao menos evidências). E existem vários tipos de captadores de evidências: os sentidos, a lógica e os aparelhos - que na verdade modificam o sentido, mesmo que não sejam percebidos como mediadores, mas apenas como ampliadores<sup>27</sup>. Para tornar esse ponto mais didático, um estudo de caso é proposto. Vai se verificar a possibilidade da existência de almas.

Esses deuses não existem porque almas não existem. Na época em que foram escritos a bíblia e o corão, por exemplo, *virtualmente nada se sabia sobre o universo*. Acreditava-se que a Terra era o centro do universo, que todas as formas de vida haviam sido criadas simultaneamente em suas formas atuais em um passado recente, e que a matéria vida se distingue pela presença de certa "força vital", cuja fonte era usualmente associada a uma ou mais divindades. Isso fica bem claro na mitologia cristã sobre o surgimento do homem, que usa expressões como "fôlego da

---

<sup>25</sup> <http://www.atea.org.br/>

<sup>26</sup> <http://www.atea.org.br/>

<sup>27</sup> LATOUR, B. O que é iconoclash? *Ou, há um mundo além das guerras de imagem?* Porto Alegre: Horizontes Antropológicos, v. XIV, n. 29 (2008), p. 111-150, 2008, p. 120

vida" ou "sopro da vida" para descrever o que teria sido insuflado nas narinas de Adão para transformá-lo de barro em homem. O texto hebraico usa a palavra ruah (respiração ou espírito), e o em grego utilizou-se πνοην (pnoen), uma conjugação de πνεύμα (pneuma), que não por acaso é uma raiz que ainda hoje utilizamos para nos referir a ar -- em português, inglês e muitas outras línguas. Como se notava que a morte sempre causava o fim da respiração, e vice-versa, *imaginou-se* que a respiração era a própria essência da vida. Pneuma ainda hoje significa espírito ou fantasma em grego <sup>28</sup>[grifos meus].

Em todos esses dados, é possível perceber um confronto entre a imaginação e a evidência. É a evidência que pode se constituir num sistema, e que pode ser questionada em sua análise e gerar alguma dinâmica intelectual. A imaginação seria estática. E a evidência seria tão convincente que conseguira mesmo convencer quem estaria de fato preso na imaginação (como é o caso de crianças e de religiosos). O que não ocorreria no sentido contrário: quem pensa através de provas e evidências não pode voltar a pensar pela imaginação. Isso de acordo com o trecho a seguir:

Hoje em dia, qualquer criança que passe por uma boa escola aprende já no ensino fundamental que a Terra não é o centro do universo, que as formas de vida que conhecemos surgiram em instantes diferentes ao longo de bilhões de anos, que há séculos se sabe que a força vital não existe, e que nada há nos seres vivos além dos elementos químicos que também estão presentes nos compostos inorgânicos que formam o restante do universo, tais como hidrogênio, carbono, oxigênio, nitrogênio, etc. Esse é conhecimento corrente básico e consensual para o qual apontam uma infinidade de evidências científicas acumuladas ao longo de muitas décadas de experimentação. No entanto, infelizmente vivemos uma epidemia de ignorância científica em que grande parte da população desconhece os elementos mais básicos do conhecimento disponível. Relativamente poucas pessoas conseguem apontar corretamente a causa das estações ou o tempo necessário para a Terra dar uma volta completa em torno do Sol, por exemplo. <sup>29</sup>

O conhecimento científico não está sendo submetido à crítica pelas pessoas que ficam presas na imaginação, daí a não percepção de sua aplicação. Porque, se ele fosse seriamente considerado (superando-se a volitivilidade), seria percebido como científico, e a pessoa que o usa perceberia que estaria entrando em contradição ao defender suas crenças religiosas juntamente com eles. Mas, não conseguindo superar essa falta de crítica, o aplica de maneira a tornar contraditório o que não é contraditório por natureza:

Muitas pessoas percebem que nosso cérebro é responsável pelo que somos: nossa personalidade, nosso humor, nossas memórias, nossos julgamentos morais, nossas inibições, nossos pensamentos e decisões. Uma pancada na cabeça pode acabar com sua memória. Um copo de álcool pode eliminar suas memórias e suas inibições, e alterar radicalmente seu senso moral. Antidepressivos alteram nosso humor. Doenças neurológicas afetam nossa personalidade e a maneira de nos relacionarmos com os outros. No entanto, essas pessoas não se dão conta de que esses fatos são incompatíveis com a ideia de uma alma imaterial ou transcendente que seria a fonte de nossa consciência. A alma não pode ser responsável pela memória, pois álcool,

---

<sup>28</sup> <http://www.atea.org.br/>

<sup>29</sup> <http://www.atea.org.br/>

sedativos e pancadas na cabeça não poderiam atingir a alma. Pelo mesmo motivo, a alma não pode ser responsável por nosso humor, personalidade, consciência ou julgamentos morais. De fato, se houvesse qualquer influência externa de uma alma comandando o cérebro humano e seus processos, as faculdades de medicina precisariam ensinar teologia dentro dos cursos de neurologia. Mas não é o caso<sup>30</sup>.

O cérebro, portanto, contradiz a existência de alma, pois elas estariam responsáveis pelas mesmas funções. Mas o cérebro está dentro do corpo humano, tem uma existência comprovável (basta abrir uma cabeça de um corpo humano que é possível encontrá-lo). Por fim, pode-se derrubar de vez a ideia mais corrente de Deus.

Em suma, até as pessoas minimamente bem informadas sobre o funcionamento do corpo humano já possuem o conhecimento necessário para perceber que toda nossa vida mental surge e se processa em nosso sistema nervoso, e não em uma fonte externa a ele, o que significa que almas não existem. É claro que isso não significa que não existe nenhum deus, apenas que não existem deuses que cuidam de almas. Por outro lado, esse fato dá um golpe mortal no cristianismo e no islamismo, por exemplo, cuja essência está nas ações necessárias para dar bom destino a essa peça de ficção chamada alma ou espírito. Como não existem almas, não existe nada a ser "salvo", nem céu, nem inferno, tornando sem sentido toda a teologia do monoteísmo ocidental. Bem poucas pessoas estariam dispostas a crer em qualquer divindade nessas condições<sup>31</sup>.

Ou seja, a escola tem essa função de “informar” com provas os seus alunos. Essas provas tornariam possível mostrar que Deus é improvável e impossível, mas isso não aconteceria por outros motivos, que não exporei nesse trabalho (mas que já foram levantados). Resta ao ateu não aceitar a existência desse Deus. Uma vez aceita essa conclusão, não seria necessária uma imposição do ateísmo pela violência. Não há necessidade de justificações fora das provas, o que explicaria o atomismo social dos ateus.

Nada. Ao contrário das religiões organizadas, o ateísmo não possui textos sagrados ou hierarquia. O ateísmo não é e nem possui uma doutrina e portanto a única coisa que todos os ateus têm em comum é a ausência de crença em deuses<sup>32</sup>.

Portanto, os ateus não se focam no conhecimento que inverte o ônus da prova (que passa inclusive a ser um não-conhecimento). Eles se focam naquilo que pode ser provado, e a prova é esse ente construído com dados empíricos (evidências) e com o seguimento de procedimentos da lógica, o que a torna de certa maneira uma lógica material. Portanto, a realidade só pode ser percebida através da prova, o que demonstra que existe uma realidade externa à mente e que ela só é descritível a partir delas. Assim, o conceito de prova é, na medida em que tentei demonstrar neste texto, não um mero realismo cientificista, mas sim um agregado de algumas ideias de diferentes epistemologias.

---

<sup>30</sup> <http://www.atea.org.br/>

<sup>31</sup> <http://www.atea.org.br/>

<sup>32</sup> <http://www.atea.org.br/>

## Referências

ARENDT, H. A condição humana. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.

DURKHEIM, E. Sociologia e filosofia. Rio de Janeiro: Forense, 1970.

LATOURETTE, B. O que é iconoclasm? *Ou, há um mundo além das guerras de imagem?* Porto Alegre: Horizontes Antropológicos, v. XIV, n. 29 (2008), p. 111-150, 2008.

LOPES, R. C. Reprodução sob condições controladas: *o ateísmo como movimento social nas representações sociais dos materiais de divulgação Templo Positivista de Porto Alegre*. Trabalho de Conclusão de Curso, Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013. Disponível em: <<<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/90189>>>. Acessado em: 12 de maio de 2014.

NORTON, J. D. A Material Theory of Induction. Chicago: Philosophy of Science, v. LXX, n. 4 (2003), p. 647-670, 2003.

PLATÃO. A república texto integral. 2.ed. São Paulo: Escala, 2007.

Site

da

BBC:

[http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/02/130222\\_ateus\\_mobilizacao\\_cc.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/02/130222_ateus_mobilizacao_cc.shtml)

Site da ATEA: <http://www.atea.org.br/>